



MULHERES NEGRAS: DESCOLONIZANDO NARRATIVAS

BLACK WOMEN: DECOLONIZING NARRATIVES

Regiane Oliveira dos Santos   Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.

Leonardo Cardoso Portela Câmara   Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.



Revista
Práxis em Saúde

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056

DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2630>

MULHERES NEGRAS: DESCOLONIZANDO NARRATIVAS***BLACK WOMEN: DECOLONIZING NARRATIVES***

Regiane Oliveira dos Santos¹
Leonardo Cardoso Portela Câmara²

Resumo: Este estudo qualitativo, alicerçado na Entrevista Narrativa de Associação Livre e na psicanálise, tem por objetivo testemunhar como o racismo estrutural modela a trajetória de mulheres negras que trabalham como empregadas domésticas e babás para famílias brancas. Nos resultados, a partir do relato de vida da entrevistada, identificaram-se duas categorias temáticas de análise que revelaram padrões psicanalíticos transgeracionais: Expressões de Superioridade Colonial, que articula a desumanização fanoniana e o choque comunicacional da “confusão de línguas” ferencziana; e Oscilação da Mãe Preta, que expõe a ambivalência festiva–subserviente descrita por Lélia Gonzalez. Expõe-se que dar voz às memórias e ressignificar narrativas coloniais promove uma descolonização subjetiva, abrindo caminhos para práticas terapêuticas que restitua acolhimento, autonomia e reconhecimento à mulher negra.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Racismo; Trauma Colonial.

Abstract: This qualitative study, grounded in the Narrative Interview with Free Association and psychoanalysis, aims to bear witness to how structural racism shapes the life trajectories of Black women working as domestic workers and nannies for white families. In the findings, based on the participant's life story, two thematic analytic categories emerged that reveal transgenerational psychoanalytic patterns: Expressions of Colonial Superiority, which links Fanonian dehumanization with Ferenczian “language confusion”; and Oscillation of the Black Mother, which exposes the festive–subservient ambivalence described by Lélia Gonzalez. It is demonstrated that giving voice to these memories and reframing colonial narratives fosters subjective decolonization, paving the way for therapeutic practices that restore nurturing, autonomy, and recognition to Black women.

Keywords: Black Women; Racism; Colonial Trauma.

¹ Mestranda pela Universidade Federal de São Carlos, desenvolve pesquisa no campo das relações raciais em psicanálise, bolsista CAPES. E-mail: regiane@estudante.ufscar.br.

² Psicanalista, professor adjunto 2 do Departamento de Psicologia (DPsi/UFSCar), professor permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi/UFSCar), mestre e doutor em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ), membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e do The International Sándor Ferenczi Network (ISFN), autor do livro “Ferenczi e a psicanálise: corpo, expressão e impressão” (EdUFSCar, 2021).

INTRODUÇÃO

A figura da mulher negra doméstica mostra-se fundamental para compreender as articulações entre racismo e sexismo. Lélia Gonzalez (1989) discute a neurose cultural brasileira como uma sintomática do racismo que confere efeitos particulares às mulheres negras. Essa condição coletiva oscila a população negra entre a exaltação simbólica, através da meritocracia racial – no imaginário festivo e maternal, e a exclusão efetiva – através das instituições, do mercado de trabalho e da linguagem (Gonzalez, 1989).

O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1933/1992) forneceu contribuições significativas sobre a compreensão do trauma ao explicitar a “confusão de línguas” como o cenário onde a criança, buscando carinho, encontra violência em vez de afeto, o que pode causar rupturas profundas na integridade psíquica. Frantz Fanon (1925/1961) expande essa perspectiva, mostrando como o mesmo mecanismo de violência se desdobra coletivamente para produzir – e silenciar – sujeitos negros no sistema colonial. Retomando a noção de trauma (Erlebnis) em Freud, Fanon (1952/2020) analisa como as violências coloniais – linchamentos, humilhações, torturas, silenciamentos e exclusões – patologizam o negro, posicionando-o como “Outro” racializado e desumanizado. Ao mesmo tempo, esse processo serve ao colonizador para aliviar sua própria culpa e agressividade.

Lélia Gonzalez (1989) destaca a memória como instrumento terapêutico capaz de resistir ao discurso dominante que silencia e apaga os sujeitos negros. Para a autora, a memória revela saberes recalcados que o discurso oficial nega e, ao mesmo tempo, configura um lugar de emergência de narrativas próprias. Após séculos de serem “falados” e infantilizados (infans) pelos colonizadores, os negros instauram uma contracolônização ao reivindicar o direito de produzir seu próprio discurso, ressignificando as narrativas coloniais. É nesse movimento – que Gonzalez associa a uma descolonização subjetiva no campo psicanalítico/político – que se abre espaço para a reparação simbólica e a (re)construção de identidades negras mais autônomas.

Como apontam Gondar e Antonello (2016), aceitar a clínica do traumático envolve mais do que uma narrativa e sua escuta; atua como um ambiente de transição

onde o sujeito pode, simultaneamente, construir a sua própria história, revertendo o silêncio imposto pelo racismo estrutural.

O objetivo deste estudo é testemunhar, a partir da escuta do relato de vida de uma participante, como o racismo estrutural modela e determina a vida de mulheres negras que trabalharam como empregadas domésticas e babás para famílias brancas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja abordagem empregada é a Entrevista Narrativa de Associação Livre, a qual se fundamenta na psicanálise. A participante é uma mulher negra, de 48 anos e mãe de quatro filhos. Foram realizadas três entrevistas em formato online.

Ao dar voz a essa trajetória, buscou-se compreender de que modo a “confusão de línguas” ferencziana se manifesta na prática social — quando o desejo de ser vista e reconhecida se choca com a condição de serviçal exótica ou invisível, reafirmando a condição de subalternidade (Kilomba, 2019). Ao integrar as contribuições de Ferenczi (1932/1992) e as recomendações metodológicas de Gondar e Antonello (2016), buscou-se discutir como o ambiente psíquico da participante foi marcado pela ruptura entre sua linguagem de afeto e a linguagem de exclusão, oferecendo subsídios para práticas clínicas que visem o reconhecimento e a reconstrução da identidade (Muylaert *et al.*, 2014).

Para fins desta exposição, foram criadas duas categorias analíticas com o objetivo de discutir como a vida de mulheres negras é atravessada por experiências de racialização e seus desdobramentos subjetivos: “Expressões de Superioridade Colonial” e “Oscilação da Mãe Preta”.

RESULTADOS

BIOGRAFIA DA PARTICIPANTE

A trajetória da participante Ana está profundamente entrelaçada à história de seus pais. Casados ainda jovens, tiveram nove filhos. Residentes no interior de um estado do Nordeste, enfrentaram grandes dificuldades para sustentar a família,

dedicando-se ao trabalho na roça — atividade que exercem até os dias atuais. Diante das dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, Ana iniciou sua atividade laboral na lavoura aos sete anos e, aos dez, passou a trabalhar na casa de um fazendeiro da região. Nessa casa, suas refeições eram compostas pelos restos deixados pelos demais integrantes da família. Posteriormente, aos doze anos, passou a residir como agregada na casa de uma família branca na cidade, o que resultou em seu afastamento dos próprios parentes. Morando como agregada, embora fosse frequentemente referida como parte da família para a qual prestava serviços domésticos, estava sempre na função de servir. Foi nessa condição que Ana conseguiu acessar, pela primeira vez, alguns bens materiais e culturais, como passear na cidade ou no shopping, ter roupas, sapatos e brinquedos novos, proporcionados pela família para a qual trabalhava.

Ana relata a falta de acesso à educação sexual, o que contribuiu para que, aos dezessete anos (assim como sua mãe), engravidasse de seu primeiro namorado. Após o nascimento da filha, ela passou a viver com o companheiro e a sogra, período em que teve sua segunda filha. Constantemente traída e responsável pelo sustento financeiro do companheiro, Ana decide fugir para outro estado, deixando as filhas sob os cuidados da mãe devido à perseguição que sofreu após o término do relacionamento. Passa a viver na casa do irmão, que morava com a própria família, mas, sem seu conhecimento, era tratada como empregada, sendo a única responsável pela limpeza e manutenção do lar. Entre a separação e a fuga, descobre uma nova gravidez, fruto de um breve relacionamento ocorrido nesse período. A empresa na qual trabalhava a despediu assim que soube da gravidez. Sem trabalho e morando de favor na casa do irmão, Ana se viu pressionada a casar-se novamente para dar um lar ao seu filho.

Ana inicia um novo relacionamento que perdura por dez anos. Com o nascimento de Gustavo, filho biológico do casal, seu companheiro, um homem negro, passa a discriminar Pedro, o filho mais velho de Ana, não oriundo da união, ao constatar que Gustavo havia nascido com um tom de pele mais claro. O parceiro passa então a ser constantemente violento com Ana e Pedro.

Ana trabalhou por décadas como empregada doméstica e babá, majoritariamente para famílias brancas, sem carteira assinada, vivenciando situações de exploração, racismo e humilhações.

DISCUSSÃO

Na categoria Expressões de Superioridade Colonial, elegemos a cena em que Ana, aos dez anos, foi colocada na posição de comer os restos deixados pela família proprietária da fazenda onde trabalhava. Reproduz-se aqui a lógica colonial de negação da humanidade do negro como uma lembrança do seu antigo lugar de subalternidade, gerando rupturas na sensação de pertencimento e fissuras identitárias, tal qual Fanon (1952/2020) analisa nas múltiplas humilhações coloniais.

Ainda dentro desta categoria, ressaltamos as contribuições ferenczianas sobre o trauma. O aporte teórico da “confusão de línguas” — que ocorre quando a criança, ao buscar afeto, encontra violência em vez de acolhimento — ilumina a cena de Ana: exausta após cumprir as funções domésticas como uma trabalhadora adulta aos dez anos, ela esperava a “linguagem de afeto” implícita em um possível convite para sentar-se à mesa, mas recebeu no disso exclusão e a desumanização, por meio das sobras de comida dos “senhores” que lhe foram destinadas. A inserção de Ana na linguagem de serviço, em lugar de acolhimento, reproduz o choque descrito por Ferenczi (1933/1992), inscrevendo uma ferida originada na infância.

Na categoria Oscilação da Mãe Preta, ressaltamos o pensamento de Lélia Gonzalez (1989), que emprega a imagem da mulher negra, mostrando como o racismo e o sexismo se entrelaçam na cultura brasileira. A autora discute com a mulher é ao mesmo, tempo idealizada e relega para funções subservientes. Esse aporte teórico articula-se à cena em que Ana, com doze anos, passa a viver numa família branca; apesar de participar de momentos como passeios em família, ela permanece presa à função doméstica, oscilando entre “ser da família” e menina-negra-empregada. Segundo Gonzalez (1989), a mulher negra simboliza a “mãe preta”, que embora tenha uma “colher de chá” — representado por gestos de afeto — retorna, logo que se desfaz a magia, a sua servidão; ela é celebrada no carnaval, mas rejeitada quando a festa acaba. De forma similar, Ana vive um instante de inclusão, para logo voltar a ser

cuidadora-doméstica, expondo a contradição estrutural que mantém a mulher negra deslocada entre a aceitação e a exclusão.

Como recurso psicanalítico e político, a contracolônização do discurso proposta por Gonzalez (1989) articula a assunção da voz que foi negada ao negro, revisitando histórias e conhecimentos escondidos como forma de luta e ressignificação. Nesse mesmo sentido, Grada Kilomba (2019) corrobora: a descolonização do eu passa pela linguagem. Ao juntar determinadas memórias de menina — a exclusão e a negação da humanidade — num relato que faz sentido, Ana exige o direito de dar nome à sua dor e de situar essas vivências no passado colonial, subvertendo a “linguagem de serviço” imposta pela ideologia dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Ana lança luz sobre a ferida colonial ainda aberta, e a resistência subjetiva das mulheres negras. A partir da categoria Expressões de Superioridade Colonial, estabeleceu-se um diálogo com a lógica fanoniana de desumanização e com o trauma herdado da colonização, articulando também a noção de choque comunicacional descrita por Ferenczi na “confusão de línguas” — entre a busca da criança por afeto e sua realocação como subserviente no sistema colonial. Por sua vez, a categoria Oscilação da Mãe Preta permitiu refletir sobre a ambivalência entre o acolhimento maternal e a recondução à subalternidade, conforme proposto por Lélia Gonzalez. A trajetória da participante evidencia como experiências de exclusão e perda no laço social, ao ser posicionada como “Outra”, se entrelaçam com a urgência de se afirmar e resistir.

Por fim, este estudo destacou como as teorias de Ferenczi e Frantz Fanon ampliam a leitura psicanalítica do trauma. Lélia Gonzalez, assim como Gondar & Antonello, demonstram o poder transformador da narrativa testemunhal como recurso político e terapêutico. Ao nomear as experiências de racialização, Ana abre possibilidades para a elaboração e ressignificação dessas vivências. Através da memória, recuperam-se saberes recalcados, inaugurando arranjo entre linguagem de afeto e de serviço. O encontro dessas teorias proporciona a localização do trauma

dentro da ordem colonial, abrindo caminho para a criação de espaços terapêuticos capazes de promover o reconhecimento e a elaboração de um discurso sobre si.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. **Obras completas: psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-108. (Original publicado em 1933).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONDAR, Jô; ANTONELLO, Dario Frichs. O analista como testemunha. **Psicologia USP**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf>. Acesso em: 02 de mai. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI Jr, V.; GALLO, P. R.; NETO, M. R. L.; REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, spe 2, p. 193–199, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>